Master Negative Storage Number

OCI00047.06

Historia verdadeira de D. Francisca do Algarve

Porto

1890

Reel: 47 Title: 6

BIBLIOGRAPHIC RECORD TARGET
PRESERVATION OFFICE
CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

RLG GREAT COLLECTIONS
MICROFILMING PROJECT, PHASE IV
JOHN G. WHITE CHAPBOOK COLLECTION
Master Negative Storage Number: OC100047.06

Control Number: BGO-3248
OCLC Number : 25162697
Call Number : W 381.5698 P8381 no. 6
Title : Historia verdadeira de D. Francisca do Algarve : na qual se referem os successo d'esta virtuosa dama / no tempo em que foi escrava do Imperador dos Turcos.
Imprint : Porto : Cruz Coutinho & Pereira, 1890.
Format : 15 p. ; 24 cm.
Note : Cover title.
Note : Title vignette (woodcut).
Subject : Chapbooks, Portuguese.

MICROFILMED BY
PRESERVATION RESOURCES (BETHLEHEM, PA)
On behalf of the
Preservation Office, Cleveland Public Library
Cleveland, Ohio, USA
Film Size: 35mm microfilm
Image Placement: IIB
Reduction Ratio: 8:1
Date filming began: 9/28/94
Camera Operator: RH

6

LIVRARIA DO POVO
N.º 25.

HISTORIA VERDADEIRA
DE
D. FRANCISCA DO ALGARVE,
NA QUAL SE REFEREM OS SUCCESSOS D'ESTA VIRTUOSA DAMA
NO TEMPO EM QUE FOI ESCRAVA DO
IMPERADOR DOS TURCOS.



PORTO.
LIVRARIA = *CRUZ COUTINHO & PEREIRA* = EDITORA.
18, Rua dos Caldeireiros, 20.
1890.

W
381.56 18
8838 1
No. 6

AUG 21 1975

HISTORIA DE D. FRANCISCA DO ALGARVE.

CAPITULO I.

Do nascimento de D. Francisca, e sua creação.

Sem embargo da corrupção que grassa sobre a terra ha muitos seculos, e que tem amortecido e seccado as fontes da solida virtude, sempre por entre as mesmas desordens se téem descoberto muitos, que estimando os bons principios, sacrificaram as vidas e a liberdade, só para conservarem nos seus corações illesa a luz verdadeira, e o incontrastavel da verdade, fazendo-se superiores á perversidade dos tempos. Iinfinitos exemplos nos comprovam este ponto, e a historia, que vou referir, é um grande argumento de que nem todos se deixam dominar dos máus influxos da depravação abominavel, conservando o amor das virtudes e da religião.

No tempo em que reinava em Portugal o senhor rei D. João IV, havia no Algarve, na cidade de Faro, uma formosissima dama, filha de pessoa de grande qualidade, tanto em sangue, como em respeito, por ser das principaes familias d'aquelle reino. Esta dama chamava-se D. Francisca, a quem seus paes educaram com muitissimo cuidado e temor de Deus, fazendo que ao mesmo tempo que crescesse na idade, recebesse a sua alma o precioso nutrimento das virtudes: assim foi crescendo esta amavel donzella com uma vida exemplar sem affectação, virtuosa sem hypocrisia, até ao tempo em que devia passar a outro estado, que seus paes lhe tinham disposto, por ser unica herdeira dos seus bens.

AUG 15 1911

CAPITULO II.

De como D. Francisca se enamorou de D. Pedro e com elle casou.

Com a idade cresceram as perfeições e belleza de D. Francisca, da qual se enamorou um fidalgo summamente gentil, e bem morigerado, não só nas qualidades do interior, mas com todas as prendas, que fazem distinguir mais o nascimento.

Chamava-se este fidalgo D. Pedro, filho de uma casa illustre d'aquelle paiz; era não só affavel por indole, mas por estudo benefico em gráu sublime, porque de todos era estimado; muito caritativo, muito temente a Deus, e muito valedor; e além d'estas circumstancias com que resplandecia o seu coração, tinha adquirido muitas artes liberaes com que se adornava, sendo até na musica, e instrumentos, um excellente professor. O amor que tinha dedicado a D. Francisca, o não deixava respirar um instante sem que podésse ter meio de se unir com uma tão amavel pessoa. Não ignorava ella a sua grande paixão, e o estimava quanto pedia a decencia sujeitando sempre a sua liberdade ao gosto e ao destino que seus paes lhe escolhessem; assim viviam ambos desejando mutuamente aquella união, até que D. Pedro, vendo que na disposição de seu pae se fundava a sua felicidade, a pediu por sua esposa: o casamento d'aquelle fidalgo era muito vantajoso para D. Francisca, não só pelo sangue e bons costumes de D. Pedro, mas porque tinha muitos bens com que poder fazer uma casa excellente aos seus descendentes; e por esta razão com grande gosto, e geral approvação se concluiram as nupcias, com particular satisfação dos dois consortes. D. Pedro fez todas as demonstrações de alegria, tanto em galas, como em festejos, parecendo-lhe tudo diminuto em proporção da sua felicidade.

CAPITULO III.

De como D. Pedro partiu para uma jornada, e D. Francisca foi captiva pelos mouros.

Depois do casamento de D. Pedro e de D. Francisca, nada podia comparar-se com a satisfação em que viviam aquelles ternos e virtuosos amantes; elles eram inseparaveis,

e admiravam-se cada vez mais das excellentes qualidades que descobriram um ao outro. Porém a desventura, inimiga implacavel da virtude, conjurando-se contra elles, lhes dispôz as mais horrorosas máguas, que se podiam imaginar na doçura de seu estado. Passados alguns dias, por grande precisão, foi D. Pedro obrigado a fazer uma pequena jornada, na qual se devia demorar cinco ou seis dias; e fazendo a maior violencia ao seu amor e á sua saudade, se despediu de sua cara esposa, e partiu com um creado, promettendo-lhe a brevidade com que voltaria; porém como o coração preságo nunca mente, elle se despediu com uma afflicção tão forte, que sem pensar na causa, que lhe devorava o interior, attribuiu ao seu amor este excesso da sua pena, e obrigado da necessidade da sua presença para dirigir algumas cousas domesticas, se ausentou emfim. Ficou D. Francisca luctando com a cruel saudade, sem outra consolação mais do que a esperança, de tornar brevemente a ver o seu terno esposo. Uma tarde, para divertir a sua tristeza, saíndo a passeiar a uma praia contigua á casa em que viviam, sem mais companhia que uma creada, foi vista uma lancha de mouros, que, emboscados em uma vizinha rocha, espiavam algum christão, que podéssem captivar: ao longe estava sobre ferro um chaveco de que tinham partido; porém a ignorante D. Francisca nem via a embarcação, nem a emboscada, nem tinha nenhuma imaginação d'aquelle perigo; só se lembrava do dia em que poderia tornar a ver o seu caro D. Pedro. Ao mesmo tempo que n'isto se entretinha com a sua creada, de repente se viram cercadas de uma tropa de mouros, cujos alfanges lhes ameaçavam as vidas se fallassem; e levando-as com toda a pressa antes que fossem sentidos, as metteram na lancha, e as conduziram para o chaveco. Logo que a triste D. Francisca se viu n'aquelle lastimoso lance, caíu com um tão forte desmaio, que não tornou a si senão depois com alguns remedios que o capitão lhe applicou; o qual, vendo a grande formosura d'aquella captiva, a tratou com muita affabilidade (supposto que desusada n'aquelles corações, onde se aposenta a barbaridade e a tyrannia) e conjecturando que n'aquella preza poderia conseguir uma grande ventura, velejou para Constantinopla, para a offerecer ao grão senhor como um milagre de belleza. Em todo o tempo d'esta cruel viagem foram os olhos de D. Francisca dois rios caudalosos, e todas aquellas razões que a creada buscava para a consolar, eram inefficazes na situação das suas máguas, nas quaes a deixaremos por um pouco.

CAPITULO IV.

De como D. Pedro, voltando a casa, não achou D. Francisca, e do mais que se passou.

Pouco tempo depois do captiveiro de D. Francisca, chegou D. Pedro da sua jornada, e voando vinha receber nos braços de sua amada esposa a recompensa da sua saudade; mas que agudo punhal lhe trespassou o seu amante coração, quando, chegando a casa, e esperando achar uma doce alegria, só encontrou a dôr e a desesperação na sua familia, sem que podésse descobrir logo o motivo! Elle apeia-se, de repente os creados fogem, e se escondem por não lhe darem a nova funesta; chama, e não se lhe responde, e não vê mais do que lagrimas e semblantes consternados. — Deus immenso! que novidade é esta! exclamou elle, penetrado da mais devoradora angustia, morreu a minha adorada esposa? — Ninguem lhe responde; sóbe a escada, sem atinar com o caminho, tropeçando a cada passo que dava; chega á primeira sala, vê as creadas chorando, e não encontra a sua amada D. Francisca. Depois de muitas difficuldades, que houve para lhe darem a noticia, soube emfim que sua esposa tinha sido captiva dos mouros. Qual fosse a sua consternação, é facil de julgar, ainda quando não haja a pureza de seu amor: pois era bastante aquelle amor da razão com que se estimam os casados. Elle fez as maiores loucuras que se podem considerar; muitas vezes, se não o embaraçassem, se atravessaria com a sua mesma espada; elle não acertava com o que queria dizer, e emfim o desconcerto da sua alma estava no mais eminente ponto a que podia subir. — Infeliz viagem, dizia elle; e logo ardendo em furor: ah perfidos, que me levastes a minha gloria. Não fui eu tão ditoso que perdera a vida defendendo a liberdade da minha adorada consorte! eu vos mandaria primeiro, barbaros, para as eternas penas, antes que vos largasse essa joia preciosa, e depois com a minha morte satisfarieis a vossa crueldade! Que será feito

de ti, minha cara D. Francisca? qual será o teu terrivel destino?

N'este mar de consternação fluctuava o desgraçado D. Pedro, sem querer nem admittir consolação, nem allivio: e por mais que os seus amigos e seu irmão D. Antonio, com quem tinha uma grande amizade, o animassem com a esperança do resgate, a que logo queriam pôr mão, buscando por alguns commerciantes de Cadiz este meio, nada abrandava o desgosto do triste D. Pedro.

CAPITULO V.

De como D. Pedro saiu do Algarve a resgatar D. Francisca e chegou a Cadiz.

Com grande dôr e tristeza passava D. Pedro os seus dias, até que obrigado do irmão e dos amigos partiu acompanhado do terno irmão para o dito porto de Cadiz com grande somma de dinheiro e joias, para vêr se podia dár algum caminho ao resgate; mas qual foi a dôr que experimentou, quando soube por um captivo que Osman (que assim se chamava o capitão pirata) tinha feito a sua derrota para Constantinopla, a offerecer aquella captiva ao grão senhor, do qual era impossivel o resgate, por quanto elle era desprezador de riquezas, e summamente generoso? Ficou D. Pedro na mais desordenada afflicção, que podia ter creatura vivente, só com a lembrança de que sua esposa seria requestada pelo imperador! E supposto que os principios de virtude e religião lhe davam esperanças da sua resistencia, logo se apresentavam as crueldades de que usam aquelles barbaros, as violencias e castigos com que os eunucos tratam no serralho as captivas christãs, para verem se assim lhe fazem perder o amor da patria e a constancia da sua religião; ora se lisongeava com a fidelidade da sua esposa, que mais depressa soffreria mil mortes do que faltaria ao seu dever; ora temia que o seu sexo debil, com o susto dos tormentos não conservasse o valor para a resistencia.

CAPITULO VI.

De como D. Pedro partiu de Cadiz para Constantinopla

O tempo ia passando lentamente em horrorosas alternativas cheias de pezares e afflicções para o desditoso D. Pedro, que não sabia resolver-se no que faria para poder mostrar á sua amada D. Francisca o seu cuidado: porém o amor, artifice famoso, lhe fez lembrar uma ideia, supposto que precipitada, ao menos que de alguma fórma alentava a sua esperança. Havia no porto de Cadiz um navio veneziano, que fazia viagem para Constantinopla, e tendo D. Pedro ouvido que Ibraim, então imperador ottomano, tinha grande humanidade, era summamente generoso, estimando as pessoas de merecimento, e que pretendia desmentir com as suas acções o nome de crueis que tinham adquirido os seus antecessores, isto o fez não hesitar um instante na partida, communicando ao irmão a sua ideia: elle não só lhe adoptou a resolução, mas tambem o quiz acompanhar, e correr com elle a mesma tormenta ou a mesma fortuna; ajustando o transporte, passados alguns dias, partiram para Constantinopla, em cuja viagem os deixaremos para continuarmos a narração do acontecido a D. Francisca.

CAPITULO VII.

De como D. Francisca chegou a Constantinopla na companhia dos piratas, e do mais que se passou.

A infeliz D. Francisca, emquanto durou a viagem para aquella capital da Turquia, não se levantou mais da cama, sempre na maior afflicção, e era preciso para tomar algum sustento, que o capitão, que tinha interesse na sua vida a obrigasse, ora com agrados, ora com ameaças de a levar para onde mais não houvesse novas d'ella, e emfim com as esperanças de que o imperador a mandaria para a sua patria. Chegaram a Constantinopla, e logo Osman foi dar parte ao grão senhor do presente que lhe trazia, o que elle muito estimou, mandando fazer-lhe uma grande recompensa, e que lh'a trouxesse para o serralho; elle o fez, e supposto que a viagem e as máguas tinham diminuido algum tanto aquella côr de purpura que tinham as faces da infeliz captiva, e amortecido a natural viveza dos seus olhos; comtudo o imperador logo que a viu ficou admirado de tão grande formusura, com a qual não competiam as suas circassianas, nem as famosas bellezas de Rhodes, e ficou tão sus-

penso á sua vista, que esta paixão, que D. Francisca lhe observou, augmentou infinitamente o seu desgosto por vêr a grande tormenta a que se expunha a sua fé e amor conjugal, e os deveres da sua religião, que no coração tinha gravada.

Ibraim, que fallava perfeitamente o italiano, que ella tambem sabia, lhe assegurou a felicidade do seu destino, e que seria estimada com grande preferencia a todas as suas damas, mandando-lhe logo fazer os mais preciosos vestidos, e dando-lhe joias de um excessivo valor. Porém a Providencia, que sempre vigia sobre aquelles em cujos corações se estabelece a pureza da verdadeira religião e a candura dos sentimentos, inspirou um tal respeito em Ibraim, que elle se propôz á conquista do coração de D. Francisca por meios desusados no serralho, isto é, querendo vencer aquella captiva com finezas e obsequios, sem que pretendesse contrastar as virtudes, que n'ella via resplandecer, por caminhos indecentes, mas só com beneficios e estimações. Virtudes brilhantes, quanto podem as tuas luzes! Assim viveu algum tempo, e ainda que se lhe augmentava a paixão com um rapido progresso, nunca escedia os principios que se tinha proposto; elle lhe fallava todas as tardes, e com ella se entretinha em práticas, de que ficava tão attrahido como admirado, por vêr as qualidades que descobria na alma d'aquella captiva, e por mais diligencias que fez, nunca pôde saber d'ella nem a sua familia, nem o seu estado; e esta prevenção tinha ella ajustado com a sua creada, por lhe parecer precisa para alguma eventualidade do futuro.

CAPITULO VIII.

De como o sultão Ibraim se enamorou perdidamente de D. Francisca, e do mais que se passou.

Quanto mais os dias se succediam uns aos outros, maior era o receio na desditosa captiva D. Francisca, porque via augmentar-se no coração do imperador um amor violento, que, comquanto respeitoso, podia de um a outro instante deixar de o ser, e procurar a destruição da sua virtude.

O amante Ibraim desprezou inteiramente as suas mais bellas damas, enchendo de tal ciume as que eram mais estimadas, que até lhe fugiram do serralho, sem que elle fizesse d'isto algum caso. Pasmavam os eunucos, que governavam o serralho, d'aquelle grande respeito com que seu senhor tratava aquella escrava, e este argumento fazia, com que obrassem com toda a moderação e condescendencia com ella.

Uma occasião em que o chefe dos eunucos lhe fallou em D. Francisca (na escrava portugueza, que este era o seu appellido) queixando-se o imperador da indifferença que experimentava, aquelle lhe persuadiu a violencia permittida pela sua lei; porém Ibraim com um severo semblante lhe increpou a temeridade d'aquella lembrança, dizendo-lhe: Eu não pretendo chegar ao coração d'esta amavel creatura pelo caminho da aspereza, mas pelo da ternura, serviços e obsequios; porque eu vejo na candura com que ella me falla o quanto estima as minhas boas qualidades; e tambem noto que a lei d'esta escrava tem grandes principios de caridade, pois que todos os que a seguem se sacrificam aos maiores tormentos pela não infringir; além de que a pureza com que a escrava portugueza quer conservar a sua alma, me faz uma admiração que me surprende; vae, lhe disse elle, avisal-a para que se prepare para me receber a visita, que esta tarde lhe farei no seu aposento.

Ficou assustadissima D. Francisca com aquella visita, porém firme na resolução de morrer antes, do que offender a fé e juramento sagrado.

CAPITULO IX.

Ds como o sultão fez uma visita á sua captiva D. Francisca, e do que se passou com ella.

Não tardou o imperador em vir ao quarto de D. Francisca, que era um palacio adornado das mais preciosas telas e riquissimas alfaias, e no qual todo o serviço era de ouro e prata. Era Ibraim um homem de semblante magestoso e agradavel; tinha umas palavras doces e humanas, de genio muito jovial e complacente; emfim, era um principe europeu, muito civilisado, com a figura de um ottomano. D. Francisca o recebeu com aquella submissão devida ao seu caracter; e como tinha grande juizo e grande conhecimento

das cousas que lhe convinham á situação em que estava, querendo ajoelhar para fallar-lhe, elle o não consentiu, dizendo-lhe: Formosa portugueza, as qualidades da vossa alma vos tem na minha presença com tão sublime gráu, que eu não consentirei em acção em que ellas se contemplem aniquiladas. E fazendo-a assentar junto d'elle, com grande affabilidade, e com grande respeito lhe disse: Até quando, bellissimo encanto, vindo ao meu poder por especial favor da felicidade, até quando tereis vós o coração fechado ás minhas finezas e ao meu extremoso amor?

Se quereis uma prova d'este amor, tendel-a no ciume que tem devorado todas as minhas damas desprezadas, vendo a differença do culto com que vos lisongeio; pois acho que é o verdadeiro modo de tratar o amor; vós me ensinastes esta doutrina, por algumas passagens com que me tendes feito mudar os meus sentimentos; mas que recompensa devo eu esperar, belissima creatura, se estando vós no meu serralho ha cinco mezes, não téem os meus ardentes suspiros abrandado a dureza do vosso coração? Por ventura eu não tenho mostrado, na delicadeza de vos tratar, todo aquelle respeito de que sois digna? Tem-vos faltado nada que possa diminuir-vos o peso dos ferros? Sentis vós no tratamento que eu vos tenho dado a menor sombra do captiveiro?

Pois, como assim, formosa portugueza, não vos mereço sequer mostrar-me uma pequena vereda por onde possa caminhar para o vosso coração? Vós sois senhora do meu imperio, e do meu coração, que vale mais que todo elle; eu não quero mais felicidade que amar-vos e ser correspondido; e se no vosso conceito passam os ottomanos por barbaros e insensiveis, n'esta parte não devo merecer-vos semelhante injustiça, pois não tenho mostrado para vós nenhum signal de fereza.

—Sublime senhor, lhe respondeu D. Francisca, cheia de confusão, tendo derramado o pudor nas suas lindas faces aquellas côres que denotam um interior não susceptivel do crime. Todo o valor do vosso alto merecimento tem produzido em mim um tão reverente respeito, que vos contemplo como um phenomeno entre os musulmanos: as vossas qualidades fariam o ornamento a um grande principe europeu, e feliz d'aquelle que as possuisse: para qualquer parte que eu dilate a vista encontro as vossas luzes, os vossos grandes favores, as generosidades de um coração inimitavel: emfim, sublime senhor, encontro o vosso nome, que faz o vosso maior elogio. — Amavel portugueza, lhe replicou Ibraim, na qual uniu a Providencia a mais perfeita formosura com uma discrição sem artificio, todas as lisonjas com que me trat???? são meros effeitos da adulação, com que os subleitos pretendem ter favoraveis os senhores; porém vós, que não tendes para mim esta qualidade, porque em vez de serdes escrava, eu é que quiz tomar os ferros do vosso captiveiro, não me deveis tratar com palavras em que respira o comprimento, e se faz vêr a distancia; fallae-me por termos em que reverbere a ternura, tornae ao meu coração o prazer que tenho perdido com o susto de não vos agradar.

CAPITULO X.

De como continúa a narração da visita do sultão a D. Francisca.

A perturbação, que a formosa captiva sentiu ao ouvir as amorosas palavras do imperador, embargou-lhe a voz e não lhe deixava atinar com uma resposta digna do seu imperial amante; mas a Providencia, que sempre acode á virtude, lhe lembrou os seus deveres de christã e de esposa; e assim fortalecida lhe disse:

—Senhor, eu vos estimo tanto, quanto posso nos limites da decencia, e fizera uma grande affronta ao vosso merecimento se lhe não tributasse todo o respeito que elle merece, e com que vos faz admiravel; porém, senhor, o meu coração, que nunca foi susceptivel de outras paixões mais do que aquellas que logo do preludio da minha infancia me inspiraram meus paes, e que tem todo o fundamento nos deveres da religião que professo; a vós mesmo, senhor, vos faria horror uma mudança tão repentina nos meus sentimentos, que me faria indigna da vossa beneficencia se vos mostrasse um coração tão inconstante; e se tendes uma alma tão superior a todos, deveis estimar aquellas que estabelecem o seu fundo na honra e nas virtudes.

—Daes-me cada vez maiores motivos para adorar-vos pelo modo como pensaes e dis-

correis; porém, bella portugueza, não deve haver uma auctoridade tão forte sobre o ponto de honra, que muitos julgam ser um fantasma com que nos prendem.

— Vós não sois capaz de a julgar assim, respondeu D. Francisca, e se a honra é um fantasma, qual é a razão por que fazeis guardar tão exactamente as vossas damas? Por que castigaes com severidade aquelles que faltam n'esse ponto ao seu dever, e qual é a razão por que os mesmos barbaros, que não conhecem o que é a virtude, estimam entre si aquelles que tem mais qualidades na sua mesma natureza tosca e grosseira, sem raciocinio civil?

— É porque todo o mundo respeita a virtude n'aquelle seu mesmo estado de convivencia, seja qual fôr o estado da sociedade.

— Não, sublime senhor, a honra e a virtude resplandecem com a sua propria luz, sem que precisem que outrem lh'a communique.

— Eu convenho no que dizeis, adorado encanto, respondeu Ibraim, e esse mesmo argumento me faz que eu pretenda conquistar o vosso coração com sentimentos que vos sejam agradaveis, pois vejo o gráu sublime em que prezaes a virtude.

Depois de uma larga conversação, elle se separou ainda mais encantado da formosura de D. Francisca pelo seu discurso, em que luziam tão amaveis qualidades, e continuou a fazer-lhe presentes grandiosos e todas as finezas que suppunha poderiam fazel-o feliz na estimação da sua bella escrava; porém D. Francisca sempre recebia todos aquelles obsequios com uma notavel indifferença, não deixando nunca os seus olhos de fazerem um continuo e saudoso sacrificio á lembrança do seu adorado esposo, e todas aquellas grandezas e profusões com que a obrigava Ibraim, eram punhaes penetrantes que lhe trespassavam o coração, pela difficuldade que lhe dispunham em tornar a voltar para a sua patria.

CAPITULO XI.

De como D. Pedro e seu irmão chegaram a Constantinopla, e do encontro que tiveram.

D. Pedro e seu irmão, depois de uma dilatada viagem, chegaram a Constantinopla, e se aquartelaram em casa de um veneziano, para onde os conduziu o capitão do navio, porque o dinheiro faz vencer todas as difficuldades; e como D. Pedro fallava perfeitamente as linguas, passava por um italiano entre aquellas gentes; mas como as noticias do serralho são summamente difficultosas pelo grande perigo que ha em as procurar e em querer indagal-as, passaram muitos dias, e por maiores diligencias e dinheiro que se espalhou não lhe foi possivel alcançar a mais leve noticia.

Já havia mez e meio que D. Pedro estava em Constantinopla sem ter conseguido meio de saber se acaso estava ou não a sua esposa no serralho, e se vivia, ou era morta; e n'esta situação passava os seus dias, fluctuando em um mar tempestuoso de penas e afflicções.

Uma tarde em que saíu com seu irmão D. Antonio para os suburbios da cidade, succedeu que para tomarem algum refresco entraram em uma casa de pasto, aonde encontraram uma dama turca coberta com um véo, que na mesma casa estava refugiada (pelo que depois souberam). Era muito bem parecida, e com magnificos trajes, e como se acharam na mesma casa e viu que eram estrangeiros, e que fallavam italiano, que ella tambem fallava, se metteu em conversa, perguntando a D. Pedro de que paiz era.

D. Pedro á primeira vista duvidou confessar-lhe a verdade, e só lhe disse: Senhora, nós somos dois infelizes que saímos da nossa patria, e vagamos pelo mundo ás disposições da sorte, sem mais destino do que pretender um impossivel.

— Esses termos por que me respondeis, disse Roxana (que assim se chamava a dama turca) são demonstrativos de segredo particular, que não me quereis descobrir, nem eu o pretendo; vejo nos vossos trajes e semblantes, que sois mais do que quereis figurar-me, e se eu vos podér ser util em alguma cousa não duvideis que o farei com toda a vontade: supposto que me vêdes n'esta casa, póde ser que sabendo alguma vez quem eu sou, não deis por mal empregado o tempo que despendeis commigo, e muito menos fiar-vos de mim quando vos possa mostrar um coração, aonde a humanidade domina.

— Senhora, eu não duvido, respondeu D. Pedro, de nada que possa fazer sublime o vosso merecimento em vossas qualidades, mas a desventura que me conduziu a este paiz é de tão forte peso, que eu mesmo co-

tumado a ella, o não posso supportar. Eu vim a este porto unicamente para saber uma noticia assaz difficultosa pelas circumstancias: e vêde vós qual é o meu infeliz destino que me faz correr por terras remotas da minha patria, só por saber o mesmo que é impossivel conseguir: e quando o consiga será talvez o meu maior verdugo.

— Vós estaes demasiadamente possuido, replicou Roxana, de que o influxo da vossa desgraça aqui mesmo vos seguirá; porém muitas vezes onde se não espera, ahi se encontra o remedio: fallae, dizei-me o que pretendeis saber, e crêde que eu tenho bastantes meios n'esta cidade para saber os segredos d'ella, e ainda alguns só reservados ao seu imperador!!

CAPITULO XII.

De como D. Pedro veio a saber onde estava D. Francisca, e do mais que se passou.

O que a dama turca havia dito a D. Pedro assombrou-o tanto, que por largo espaço esteve calado, sem saber que resolução tomasse, porque todas lhe eram oppostas aos seus designios; porém o grande desejo de saber noticias de sua cara D. Francisca lhe fez romper o silencio n'estas palavras: Oh céos, e qual seria a minha dita se encontrasse em vós o meu Numen tutelar! As vossas vozes denotam a candura dos vossos sentimentos; e por que duvidarei eu communicar-vos o meu segredo, quando tenho por causa a vossa probidade e a franqueza das vossas offertas? e para que vos obrigue mais a fé que eu faço de uma pessoa, que não conheço, quero-vos declarar a causa da minha viagem, pretendendo primeiro que me digaes por piedade se tendes alguma noticia de uma dama portugueza, que haverá seis mezes veio captiva para este serralho do grão senhor?

Quando Roxana ouviu fallar na dama portugueza deu um grande suspiro, e ficou algum tempo sem lhe dar resposta, e depois lhe disse: Essa dama portugueza, tão formosa como discreta, chama-se D. Francisca, e foi captiva por Osman, corsario de Tunes; e trazendo-a a Ibraim, se conserva no serralho. — Deus immortal, exclamou D. Pedro, quanto sou feliz! Vós me daes a vida, que por instantes me estava fugindo; e dizei-me, formosa dama, tendes vós algum conhecimento d'ella? — Sim, maior do que imaginaes, respondeu Roxana. — E dizei-me, senhora, continuou arrebatado D. Pedro, sabeis vós qual tem sido o seu destino? — O seu destino, disse ella, tem sido o mais ditoso que se possa julgar; por que Ibraim, que hoje occupa o throno ottomano, tem concebido por ella uma paixão tão rara, que com desprezos de muitas outras damas formosas, hoje faz as suas delicias.

— Ah, senhora! por piedade não passeis mais adiante, porque as vossas palavras me penetram o coração como um cruel e agudo punhal; e aqui começaram as lagrimas a caír-lhe em rios. — Que novidade é essa que em vós contemplo? lhe disse a formosa turca cheia de compaixão; vós daes-me grandes indicios de interesse particular que tendes n'esta dama; explicae-vos francamente, e vêde que poderei ser-vos util; não escrupuliseis em vos fiar de mim, que reciprocamente saberemos grandes particulares.

D. Pedro, animado com estas razões, referiu a historia de D. Francisca, dizendo-lhe que era seu marido, e que vinha com o desejo de a resgatar por todo o preço. Roxana, depois de o ouvir attentamente, lhe disse: Quanto a resgatal-a é impossivel; porquanto Ibraim não deixa o seu gosto por todos os thesouros do mundo; e continuou, dizendo: Esta portugueza tem feito innocentemente toda a desordem do serralho, é o seu idolo. — Pois tanto amor tem o imperador a essa desgraçada! perguntou D. Pedro. — O maior que nunca teve, respondeu Roxana, e a mesma razão de não ser satisfeito é o que lhe faz uma extremosa paixão.

— Que me dizeis, senhora? — replicou D. Pedro com uma emoção arrebatada. — Pois essa infeliz creatura não tem correspondido aos desejos do imperador? — Não, respondeu Roxana, antes tem conservado um fundo de honra o mais desusado no serralho, como nunca se viu: de fórma que o imperador, que tem uns nobres sentimentos, não quer por violencia conquistar o coração d'esta estimavel portugueza. Ella agora se acha aqui perto de nós em uma casa de campo convalescendo de uma grande enfermidade que adquiriu pela grande melancolia em que vive; e que tem causado os maiores desgostos ao imperador como nunca teve, de fórma

que busca todos os meios de a divertir, ora com musicas, ora com festejos, não poupando nada que possa servir para o seu divertimento.

CAPITULO XIII.

De como Roxana descobriu quem era, e do mais que passou com D. Pedro.

—Não é justo, disse Roxana, que fiqueis ignorando quem sou, depois da vossa sincera confissão; sabei portanto que me chamo Roxana, e que era a sultana valida do imperador antes da chegada de vossa esposa ao serralho. Mas a vinda d'ella trouxe-me a indifferença e o desprezo de Ibraim, que para mim era mais do que a morte. E continuando com a sua narração disse-lhe que ella tinha fugido do serralho por ciume, e que estava alli occulta, porque como ella fôra quem possuira os maiores favores de Ibraim, que perdera por amor d'esta dama, não podia supportar os desprezos que lhe fazia, e que a maior prova da sua paixão era o não fazer caso da sua fugida, nem a procurára. Ficou D. Pedro surprendido sem atinar com o que devia dizer-lhe, fluctuando entre o gosto de achar a sua cara esposa fiel, e a impossibilidade do seu resgate; o que vendo Roxana, continuou dizendo: Julgo que vós tendes bastante com que podereis comprar alguns eunucos, e quando vos falte, eu tenho bem com que vos supprir; se vos achaes com resolução de emprehender uma fugida com vossa esposa, eu facilitarei todos os meios, e vos porei embarcação prompta que vos transporte; porém seria muito preciso primeiro que a vossa esposa fizesse alguma disposição, que soubesse da vossa vinda, e se promptificasse para seguir-vos. Se vós tivesseis algum meio de vos introduzir n'esta casa de campo, ou levando a vender algumas joias, ou se tivesseis alguma prenda de instrumentos, seria facil a entrada, porque todos os meios que se apresentam ao imperador para divertir aquelle objecto da sua adoração não os deixa perder; e recompensa com mão larga a quem diligenceia o seu divertimento.—Senhora, lhe respondeu D. Pedro, eu tenho a prenda de tocar alguns instrumentos com particular gosto, e de cantar soffrivelmente, e estou prompto em arriscar a minha vida para resgatar a minha adorada consorte. Ficou Roxana summamente alegre por ter descoberto o arbitrio de saír do serralho aquelle obstaculo da sua felicidade, persuadida de que Ibraim sem a portugueza tornaria a fazer pelo seu amor o mesmo que antes fazia. Assim mandou a D. Pedro, que procurasse um eunuco, creatura sua, e que dando-lhe algum presente, lhe dissesse da sua parte que lhe facilitasse a entrada com o titulo de musico; e assim se despediram, promettendo-lhe um segredo inviolavel, e vir dar parte de tudo.

CAPITULO XIV.

De como um eunuco deu traças para D. Pedro entrar no serralho, e do que n'elle aconteceu.

Procurou D. Pedro o eunuco, a quem deu um bom presente, e elle no outro dia disse ao imperador que havia dois italianos, grandes musicos, que pretendiam a honra de sua alteza os ouvir. Ibraim ficou gostoso de dar a D. Francisca aquella occasião de poder divertir-se, e fazendo-os introduzir, elle por costume do paiz se sentou com a portugueza a uma mesa com as costas viradas para onde deviam cantar, para não verem os rostos nem do imperador, nem de D. Francisca. Preparou D. Pedro os instrumentos com as mãos trémulas, porque via a sua amada esposa, e nos trajes de uma formosa turca; e principiando a cantar aquella voz, que tantas vezes ouvira, introduzindo-se-lhe na alma, lhe fez suspeitas que seria a do seu esposo, pois lhe ouvia uma lettra que elle costumava cantar. O imperador gostou muito de ouvir a melodia com que cantavam. D. Francisca como lhe foi possivel, com todo o disfarce olhou para onde se cantava, e conheceu o seu extremoso D. Pedro; e assaltada de repente de uma tão estranha aventura, caíu com grande desmaio. Aqui se viu Ibraim perplexo por não ter quem lhe accudisse á sua cara portugueza, porque mandára para fóra toda a comitiva dos eunucos, e olhando para D. Pedro lhe disse, que emquanto ia buscar um espirito tivesse cuidado n'aquella dama. Logo que elle partiu, D. Pedro fez toda a diligencia para que sua esposa ouvisse, a qual tornando algum tanto a si, não podia conter os alvoroços quando elle lhe disse em poucas palavras que a vinha buscar, e

que diligenciava a sua fugida, ajudado de uma dama que se tinha ausentado do serralho; e como sentissem os passos do imperador, tornou D. Francisca a fingir o desmaio.

Veio Ibraim, a quem o susto tinha consternado, e perguntou a D. Pedro se tinha aquella dama dado algum signal de vida; o infeliz esposo, ardendo no mais cruel ciume, lhe disse que não, e pondo-lhe o espirito, principiou a tornar a si.

Chamou logo Ibraim as suas creadas para a levarem para a cama, e despediu D. Pedro com grande civilidade por ter visto tambem n'elle um ar de pessoa de distincção, e lhe deu um grande annel, promettendo-lhe de o tornar a ouvir.

Deu parte D. Pedro do que tinha passado a Roxana, que ficou gostosissima, prognosticando grandes progressos na sua diligencia; ajustaram que seria preciso tornar a introduzir-se no serralho, levando o plano a D. Francisca do que devia fazer para saír quando fosse tempo; entretanto Roxana entrou a dispôr os meios de facilitar-lhe a fuga.

CAPITULO XV.

De como D. Pedro voltou segunda vez ao serralho e n'elle foi preso.

Não se esqueceu D. Pedro de solicitar novamente o eunuco para que lhe arranjasse nova entrada no serralho; e como o eunuco estava satisfeito com os valiosos presentes recebidos de D. Pedro, de taes artes se serviu, que o introduziu entre algumas alfaias, que industriosamente remetteu para o quarto de D. Francisca, donde entrou sem perigo; e logo que foi visto da sua amada e fiel esposa, o abraçou com as mais ternas demonstrações de alegria, derramando infinitas lagrimas de gosto; mas a desgraça, que ainda não perdia de vista o perseguir estes dois innocentes, fez que n'esta occasião, em que os dois consortes se entretinham com a narração das suas desventuras, viesse a creada de D. Francisca dar parte de que o imperador vinha visital-a, e já tão perto d'ella, que não teve outro recurso mais do que esconder D. Pedro em um guarda-roupa. Veio Ibraim, e como aquelle instante de prazer tinha de alguma fórma mudado o semblante de D. Francisca, elle que a viu com algum ar de alegria, cheio de gosto lhe disse: Não sei se dê o parabem á minha felicidade, porque vos vejo o bello semblante com menos melancolia, ou se deva esperar que vós me confesseis que os meus extremos vão mudando a austeridade de vossos pensamentos; dizei-me adorado thesouro, qual deve ser a minha esperança? — Senhor, lhe respondeu D. Francisca, eu vos tenho mil vezes segurado o quanto estimo as vossas amaveis qualidades, e que respeito em vós aquellas virtudes que vos ornam, dignas do sublime gráu em que vos vejo; porém supplico-vos, senhor, que não pretendaes de mim outras provas, porque os meus sentimentos nunca se afastarão um ponto d'aquella decencia, que é o morgado das almas virtuosas, e que tudo o mais será tyrannisar-me!—Que falíaes vós em tyrannias? respondeu Ibraim com alguma severidade; eu mereço que assim trateis uma paixão tão respeitosa? Em que tenho eu procedido comvosco, que vos persuada a tyrannia? Esta expressão offende-me muito, porque não estou costumado a tratarem-me com desagrado; e deveis ao mesmo tempo lembrar-vos de que sois minha escrava e eu sou vosso senhor. — Sois meu senhor, interrompeu D. Francisca, (correndo de seus olhos formosos algumas lagrimas) sois meu senhor por um direito de rapina e de pilhagem com que me roubaram, e vós sois tão generoso, que não quereis ser parcial em semelhante delicto; além de que eu sou vossa escrava emquanto me tratardes com beneficencia, como se espera de um coração tão nobre; porque logo que me desenganeis cortarei de um golpe a minha vida e a vossa esperança. O imperador, que amava extremosissimamente aquella captiva, vendo que a tratára com alguma dureza, quiz logo modificar-lhe sua afflicção. — Que funebres ideias são as vossas, adorado encanto! lhe diz elle, não penseis que eu pretendo offender-vos com uma expressão que talvez a proferisse a voz, malquistando-se com o coração; eu é que sou o escravo; e vós minha senhora; façamos as pazes, formosa portugueza, e deixae que na vossa linda mão, imprimindo os meus labios, vos jure a homenagem de vosso captivo.

D. Pedro estava occulto, mas presente a esta conversa, por um ardente effeito do ciume, vendo que o imperador queria por força beijar a mão de sua esposa querida, saíndo

de repente do guarda roupa lhe disse: Não conseguirás, tyranno, essa fortuna, emquanto me não tirares primeiro a vida. Ibraim tira um punhal e corre para elle: Oh atrevido, lhe respondeu, eu castigarei a tua temeridade! D. Pedro tirando outro lhe disse: Vêde ao que vos arriscaes, que eu não temo a morte nem o perigo. O grão senhor vendo-se n'aquella acção em que perigava a sua vida, chama as suas guardas, clamando que havia traidores no serralho; o que vendo D. Pedro lhe disse: O meu sangue não é susceptivel de semelhante nódoa; eu não sou traidor, nem pretendo attentar contra a vossa vida; e para que vos desenganeis quaes são meus sentimentos, aqui tendes minhas armas, que só tirei para embaraçar esse furor; e como fiz o meu dever, salvando a innocencia de uma christã vossa escrava, e esta acção me basta para morrer glorioso, mandae-me agora fazer as maiores torturas, que nada mudará a firmeza do meu coração, costumado aos combates da desgraça. Ficou Ibraim surprendido d'esta acção, e chegando muitos eunucos armados, o mandou metter em um carcere, admirando-se de que houvesse um coração com tão nobres sentimentos.

CAPITULO XVI.

De como D. Pedro foi mettido em um carcere, e do mais que se passou.

O sultão, depois do que contamos no capitulo precedente, mostrou-se mui encolerisado contra D. Francisca, que estava na mais cruel situação, e quasi morta de susto, e a increpava d'aquella falsidade; porém ella o aplacou, dizendo-lhe que sua creada tendo sabido que aquelle homem era do seu paiz, o mandára buscar para saber novas dos seus parentes; que a mesma vendo que elle vinha, o escondera n'aquelle logar, e que o mais que acontecera fôra acção de um christão intrepido, que tem por costume sacrificar-se pelos deveres da sua religião. Com estas desculpas se retirou Ibraim com menos furor do que tinha mostrado.

Conduziram os eunucos a D. Pedro para um escuro carcere, no qual ficou esperando a sentença da sua ultima desgraça, que menos sentia do que ficar a sua adorada esposa entregue no serralho áquelles barbaros, que com o tempo e as violencias poderiam abalar sua constancia, e faça amortecer as luzes das suas virtudes e da sua religião; esta lembrança era o seu maior verdugo.

Com este successo se tornou a renovar a enfermidade de D. Francisca, e pouco faltou para lhe tirar a vida; e Ibraim, que tinha por ella uma paixão inexplicavel, vendo-a n'aquelle perigo, que ella desculpava dizendo que a movia a compaixão da desgraça d'aquelle christão, que por seu respeito se via n'aquella desventura, lhe promettera que não o mandaria matar, porém que o castigaria com um carcere alguns mezes. A infeliz D. Francisca ficou mais animada com esta promessa, persuadindo-se que pelo tempo adiante poderia fazer que elle saisse do carcere; e como era muito respeitada, teve caminho, por meio da sua creada e por algum presente que fez ao eunuco guarda do carcere, que este lhe prometteste o tratal-o bem, e tiral-o para melhor prisão, e assim o cumpriu.

CAPITULO XVII.

De como Roxana, sabende da prisão de D. Pedro, tratou de o livrar, e do mais que se passou.

Roxana, que tinha no serralho muitas espias, e a maior parte dos eunucos á sua ordem, porque fôra a primeira dama do serralho, e esperava que o grão senhor tornasse a procural-a, porque tivera grande paixão por ella, logo que soube da desgraça de D. Pedro, e com o susto de que o imperador o mandasse matar e pôr em tormentos, como era costume, e d'elle esperava com a fuga de D. Francisca o tornar ao logar que perdera, buscou D. Antonio a toda pressa, e communicando-lhe o perigo de seu irmão, ficou o pobre fidalgo tão afflicto, quanto lh'o pedia semelhante noticia; porém Roxana o animou, dizendo-lhe, que ella tinha as guardas do serralho compradas, e da mesma fórma as do carcere, e que tinha ideado o modo de os fazer fugir a todos, para o que elle a toda a pessa procurasse fretar um navio e pôl-o prompto, que ella se obrigava ás licenças e registros do costume; e que estando sobre ferro na bôca da barra, e saíndo todos da cidade em bons cavallos que ella lhe teria promptos, e comitiva, com o disfarce que tinha premeditado, todos embarcariam; e fa-

zendo-se á vela ainda de noite, quando se achassem menos, seria ao outro dia ás dez horas, a tempo que seria impossivel o serem apanhados. D. Antonio encarregou-se d'aquella commissão, e fretou um navio genovez por uma boa somma de dinheiro, e Roxana tendo esta certeza, e do dia em que havia de fazer a empreza, ordenou a fuga mais bem ideada que podia imaginar-se; fez introduzir no serralho uma creada, sua confidente e muito astuciosa, para avisar D. Francisca, e escreveu a uma sua grande amiga, para que pelo eunuco, que era o fiel do guarda-roupa do grão senhor, conseguisse um vestido completo do mesmo imperador, e um turbante, e outro vestido do mesmo eunuco, com o pretexto de uma farça que se queria armar no jardim do serralho; a creada tinha ordem de vestir D. Francisca com elle, e com o do eunuco a sua creada, e com este traje poderem saír, porque é tão grande o respeito que téem os ottomanos ao seu soberano, que nenhum se atreve a pôr n'elle os olhos, e logo que o vêem se lançam no chão com o rosto virado para a terra. Este era o meio de fazer saír D. Francisca; e para fazer livrar D. Pedro, que estava fechado em uma prisão, era tanto mais difficil e perigoso, quanto se póde julgar de uma prisão muito guardada. Porém Roxana, a quem o amor de Ibraim, e a ambição de tornar a subir para o logar que perdera, tinham feito no seu coração uma grande brecha, nao houve meio que não pozesse por obra, nem subtileza que não descobrisse; de fórma, que sendo costume em Constantinopla, quando ha algum estrangeiro justiçado, fallar-lhe o mufty de noite, que é o chefe dos ministros da sua religião perversa, e que tem um alto poder, e entra tanto no serralho como em qualquer prisão com liberdade, sem que lhe possa alguem embaraçar os passos, ella se vestiu no traje de mufty, e com umas brancas e longas barbas, e cabello, da mesma fórma com que elle saía, e com a sua mitra, ou turbante, imitando em tudo a figura d'aquelle ministro, com sequito proporcionado entrou no serralho, e logo sem perda de tempo, na mesma hora em que D. Francisca estava prompta para saír com o traje de imperador, Roxana chegou á prisão, mandou abrir as portas, fez que fallava ao preso, e logo dando-lhe parte de tudo, disse aos guardas, que ia pedir ao grão senhor a graça d'aquelle estrangeiro: no mesmo tempo em que já D. Francisca vinha com o seu traje, e dizendo-lhe Roxana, que fizesse uma acção com a mão aos guardas, com que lhe dizia que o deixassem saír, ella o tirou, e levando todos á porta do serralho aonde os guardas vendo o grão senhor, e mufty, e outros mais turcos com que se corroborava o disfarce, nenhum se atreveu a perguntar nada: saíram assim todos, e montaram em bons cavallos, acompanhados de Roxana, que queria ficar descançada, mettendo-os a bordo, e vendo partir o navio.

CAPITULO XVIII.

De como os fugitivos foram acompanhados pelos janizaros e conduzidos ao imperador.

Os fugitivos, cheios de temor e de receio de algum máu encontro, marcharam por uma estrada, que conduzia para a barca, com um grande galope; mas ou o acaso, ou a Providencia, que sempre encaminha para melhor as nossas acções, fez com que uma partida de cavallaria e de janizaros, que rondava as estradas, lhe saísse ao encontro, e o seu capitão, sem embargo de lhe dizerem que era o grão senhor que marchava para uma casa de campo, desconfiou de tudo pela hora impropria e a desordem em que via aquella comitiva, qual era a de uma tropa fugitiva, e, mandando fazer alto, cercou tudo, veio reconhecer o imperador, e vendo outro semblante, sem investigar mais nada, prendeu a todos, e os conduziu ao serralho.

Logo que chegou, procurou fallar a Ibraim; e o grande empenho com que o emprehendeu, fez que logo lhe déssem parte; quando o capitão entrou na camara do imperador disse-lhe: Magnifico senhor, hoje me competiu a ronda nocturna das estradas com a minha companhia; ha pouco encontrei um numero de gentes a cavallo, e querendo-os reconhecer, me disseram que era vossa alteza que marchava para uma casa de campo; porém eu na dúvida, desconfiando na comitiva alguma conjuração, quiz certificar-me se era vossa alteza, ou não; e vendo uma figura muito differente, os prendi a todos, e os conduzi a vossa alteza, para me ordenar o que devo fazer. Ibraim lhe disse que se dava por bem servido da diligencia que fizera, que lh'a recompensaria, e que logo lhe

DAMAGED PAGE(S)

conduzisse todos á sua presença entre os mesmos guardas.

Porém qual foi a sua confusão e admiração, quando viu D. Francisca vestida com um seu proprio vestido e turbante, D. Pedro e o irmão vestidos de turcos, e outros mais, cuja comitiva levava Roxana para sua guarda!

Ainda o grão senhor não tinha reparado em Roxana, que por prevenção se occultava por detraz dos mais presos; o imperador, confuso por vêr que não sendo facil fugir uma só pessoa do serralho, elle via tantas, e o mesmo que estava no carcere, não podia julgar a quem attribuisse aquelle empenho; e olhando para D. Francisca, e pondo n'ella uns olhos, em que se via o amor e a cólera, mas que não deixavam de influir respeito, lhe disse: Estes são os principios da vossa honra? Estes os estimulos da vossa virtude? Ingrata, que sem compaixão de vêres gemer na vossa presença um imperador ottomano, cheio de amor e de ternura, ieis fugir com um musico, com o qual já vos achei no vosso quarto! Se estas são as virtudes que vós prezaes, não vos invejo a doutrina, e eu vos mostrarei o quanto errastes no que tendes emprehendido, e que eu não sou tanto para desprezar, como tendes feito: e a esses christãos atrevidos, dê-se-lhes logo um garrote aqui mesmo, para que esta captiva não se empenhe mais pela sua vida.

CAPITULO XIX.

De como o sultão deu ordem para serem degolados D. Pedro e seu irmão.

Um raio, que caísse aos pés dos prisioneiros, não os assombraria tanto como os assombrára a terrivel sentença do imperador, a qual ia ser posta em pratica, porque os executores da alta justiça andam sempre promptos no serralho, em razão de serem alguns eunucos, a quem cortam as linguas para não dizerem nada do que fazem, e logo appareceram promptos com os instrumentos para fazerem as execuções; porém D. Francisca, lançando-se aos pés do grão senhor, lhe disse, lavando o lindo rosto em copiosas lagrimas:

— Sublime senhor, por piedade, se vos mereci alguma consideração, por aquella grande paixão que por mim tivestes, supplico-vos que mandeis suspender aquella execução, emquanto me ouvis poucas palavras, que póde ser que me sirvam na vossa presença para desculpa da minha indifferença, pois vós sois digno de todos os extremos das damas mais formosas.

Ibraim, commovido das lagrimas que via n'aquelles olhos, que tanto o sujeitavam, fez acção com a mão, com que mandou suspender a execução; e logo D. Francisca, arrancando um grande suspiro, disse: Magnifico Ibraim, o mais generoso, o mais digno do nome de heroe, de todos quantos tem occupado o throno ottomano; eu vos supplico senhor, que se, para expiar o delicto de querermos fugir do serralho, é preciso uma victima que se sacrifique ao vosso furor, que seja eu essa infeliz, e não esse desgraçado, que já por me salvar se tem sacrificado tantas vezes. — Pois tanto amor vos merece, lhe respondeu então Ibraim, esse homem, que quereis dar a vida por elle? Estes são os sentimentos com que me illudieis? — Senhor, replicou D. Francisca, não me custa morrer por um homem a quem devo tantas finezas, que por me resgatar do captiveiro, vem por entre tantos incommodos e perigos de sua patria; e se elle fez o dever de um extremoso marido, eu o farei de uma esposa honrada, que, guardando a fé e os sagrados juramentos, segundo os dogmas da sua santa religião, morre com o seu coração limpo das manchas da falsidade. — Vós me quereis enganar com essas ideias, respondeu Ibraim, em que são ferteis as pessoas finas e industriosas.

— Não, magnifico senhor, replicou D. Francisca, o meu coração nunca soube os torpes caminhos da mentira nem da industria; e vós, senhor, o tendes experimentado; e discorrei se tendes encontrado em mim algum signal d'esses vicios.

— Pois confessae-me com ingenuidade, lhe disse o imperador, quem é este homem, e o seu companheiro, e por que razão fugies com elle; e vêde que eu estimo a verdade, e abomino a impostura.

— Este homem, senhor, respondeu D. Francisca, é um fidalgo portuguez, que veio com seu irmão, e com bastante riqueza para me resgatar, porque havia quatro dias que se tinha recebido commigo, quando me captivaram; e sabendo o quanto vós sois desprezador da riqueza, e que era impossivel o meu resgate por este meio, e que além d'isso a

vossa bondade me tinha favorecido com as graças que me tendes feito, crendo impossivel o tornar a possuir-me, fez todos estes excessos; e para prova da minha verdade lembro-vos, senhor, o desmaio que eu tive quando vieram cantar ao meu quarto, e aquella acção que elle obrou comvosco bem mostrava causa legitima; e para mais certeza, este retrato, que tantas vezes me vistes, e que eu vos dizia ser de um irmão; pois, senhor, confrontae-o, e vereis a minha verdade; e se mereço castigo por querer guardar a fé ao meu esposo, aqui me tendes, castigae-me.

CAPITULO XX.

De como o sultão perdoou a todos, e permittiu que D. Francisca e D. Pedro voltassem para a sua patria.

Depois de um longo silencio em que o imperador esteve comparando o retrato com D. Pedro, voltou-se para D. Francisca, e fazendo-a levantar, lhe disse: Senhora, as vossas virtudes me ensinam e me surprendem; e como vós fizestes o vosso dever, e vosso esposo o seu, eu não devo ficar no vosso conceito menos bem reputado; essas virtudes, que tanto me admiram, é preciso saber recompensal-as. E pegando pela mão a D. Pedro, lhe disse: Ahi vos entrego vossa esposa, que é mui digna do vosso amor e respeito, pelas suas virtudes, e pelo gráu em que preza a honra do seu esposo; e vós, senhora, quando quizerdes partir para a vossa terra, tereis embarcação prompta, que eu vos mandarei aprestar; e além de poderdes usar de todas essas taes ou quaes bagatelas de que vos tenho feito presente (que eram de grande valor) recebereis um cofre, que eu vos farei logo entregar, com que vos recompenso as mortificações que vos fiz: e como é justo que eu castigue os meus vassalos, que vos deram auxilio para me fugirdes, não queiraes que abusem da minha bondade, e é preciso cumprir tambem n'este ponto com o meu dever. E quando quiz indagar quem eram os culpados, Roxana, tirando as barbas com que se disfarçava, se apresentou ao grão senhor, dizendo-lhe: Aqui me tendes, principiae por mim o castigo.

Ficou Ibraim suspenso de vêr Roxana n'aquelle traje, e olhando para ella, lhe disse: E' possivel que vos vejo, quando suppuz que os meus desprezos vos teriam obrigado a fugir para a vossa patria?

—Não, senhor, esse não era o remedio para o meu amor; e este foi o que achei proprio, tirando-vos da vista aquelle objecto por que me desprezaveis, e ao mesmo tempo, fazendo bem a estes dignos esposos, lhe attrahia a sua lembrança por este beneficio em que se escurecia a fama da barbaridade dos ottomanos: se estas acções são dignas do vosso furor, aqui me tendes, traspassae com vósso punhal o meu extremoso peito, e morrerei satisfeita, porque será dizendo, que é por vosso amor. Ibraim levantando-a abraçou-a e lhe disse: Não, vós não morrereis: Roxana póde crêr-me tão cruel, que eu arrancasse a vida a quem tanto amei, e ainda amo! O descobrimento que eu fiz de tres corações tão virtuosos me enche de prazer e de desejos de os imitar.

Passados poucos dias tinha Ibraim mandado preparar um navio, e armar com grande custo a camara; e depois de ter mandado riquissimos presentes a D. Francisca, esta querendo partir com o seu marido D. Pedro, se foi despedir do grão senhor, não sem lagrimas; e dando-lhe um retrato seu, circulado de brilhantes, lhe disse: Senhor, eu vos offereço este pequeno presente, para conservardes com elle a memoria de uma portugueza, que soube estimar no seu coração o vosso inimitavel merecimento. O imperador lhe deu outro seu, de grande valor, e lhe disse: E vós mostrae esse meu aos europeus para que vejam que não é inhumano o seu original. Dando a D. Pedro um alfange todo cravado de grandes pedras, lhe disse: Tomae essa pequena recompensa pela prisão e susto que tivestes, e porque um homem de vosso amor e qualidade é digno de uma arma que eu tenho trazido ao meu lado. Despedidos se embarcaram, mandando o imperador que no tempo de fazer-se o navio á vela, todas as fortalezas déssem descargas de artilheria. Seguiram a viagem com prospero vento, porque a desgraça se tinha enfadado de perseguir estes dois esposos estimaveis; e chegando á sua patria, aonde foram recebidos com muitas acclamações e festejos, se conservaram em uma preciosa e opulenta tranquilidade.

FIM.

OUTRAS HISTORIAS Á VENDA NA LIVRARIA=CRUZ COUTINHO & PEREIRA.=

18, RUA DOS CALDEIREIROS, 20.

Amores (Os) de Galatêa, por Antonio Joaquim de Carvalho; seguidos de sete lyras pastoris a Marilia de Dircéo, por T. A. Gonzaga.
Astucias subtilissimas de Bertoldo, vilão de agudo engenho e sagacidade.
Auto do Dia do Juizo.
Auto da muito dolorosa paixão de nosso Senhor Jesus Christo; conforme a escreveram os quatro Evangelistas, pelo padre Francisco Vaz de Guimarães.
Auto novo e curioso da Padeira de Aljubarrota, por Diogo da Costa.
Auto de Santo Aleixo, filho de Eufemiano, senhor de Roma.
Auto de Santa Barbara, virgem e martyr.
Auto de Santa Catharina, virgem e martyr.
Auto de Santa Genoveva, princeza de Brabante.
Auto da Vida e Milagres de Santo Antonio de Padua, da Ordem de S. Francisco, natural de Lisboa.
Auto da Vida de Santa Joanna, princeza de Portugal.
Aventuras de Robinson de Crusoé em uma ilha deserta, escriptas por elle mesmo, e abreviadas por Antonio Coutinho. Edição adornada de estampas intercalladas no texto.
Collecções de Loas para se representarem antes dos entremezes e autos.
Contos de Fadas e Lobishomens.
Contos de minha Avó.
Cornelia ou a Victima da Inquisição.
Grande Milagre que fez Nossa Senhora do Monserrate na companhia do Menino Jesus.
Grande Milagre que fez Nosso Senhor Jesus Christo a uma mulher que vivia nas montanhas.
Historia dos Amores de Mathilde e Maleh-Adhel, ou Memorias extrahidas das cruzadas.
Historia do Anão amarello e da Ave azul.
Historia do Califa Cegonha.
Historia curiosa da Vida do Conde de Castella, e dos sete Infantes de Lara.
Historia da Donzella Theodora, em que se trata da sua grande formosura e sabedoria, por Carlos Ferreira, lisbonense.
Historia da Formosa dos Cabellos d'ouro.
Historia do Grande Roberto, duque de Normandia e imperador de Roma.
Historia do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França, por J. A. R.
Historia da Imperatriz Porcina, mulher do imperador Lodonio de Roma.
Historia jocosa dos Tres Corcovados de Setubal: Lucrecio, Flavio e Juliano.
Historia de João de Calais.
Historia de Paulo e Virginia.
Historia da Princeza Magalona, filha de el-rei de Napoles, e do nobre e valoroso cavalleiro Pierres, Pedro de Provença.
Historia do Propheta e Santo Rei David.
Historia de Santa Comba dos Valles, a flôr peregrina dos montes, composta em verso pelo doutor Antonio Ferreira.
Historia do Touro branco encantado.
Historia da Vida e feitos do engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha.
Historias das Vidas de Santa Maria Egypciaca, Santa Thais e Santa Theodora, penitentes.
Malicia das mulheres e Maldade dos homens.
Simplicidades de Bertoldinho, filho do sublime e astuto Bertoldo.
Testamento que fez Manoel Braz, mestre sapateiro.
Tragedia do Marquez de Mantua, por Balthazar Dias.
Viagens e aventuras incriveis do celebre Barão de Kacaracá.
Vida e famosas acções do celebre Cosme Manhoso.
Vida de Cacasseno, filho do Simples Bertoldinho, neto do astuto Bertoldo.

TYP. = CRUZ COUTINHO. = RUA DOS CALDEIREIROS, 28 E 30.